



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

O TEMPO E SUA INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE

Time and its influence on human behavior in contemporary times

Anelise Knüppe¹

Resumo:

O ano litúrgico da Igreja é rico em suas celebrações e é, também, por esse motivo que ele marca e acompanha a vida das comunidades. O calendário litúrgico da Igreja nos apresenta, sempre de novo, a importância da celebração dos momentos vividos pela comunidade. O ser humano vivencia esses momentos. O presente artigo traz uma abordagem vivencial do ser humano e as influências do tempo na vida cotidiana da sociedade. Destacando o significado que o tempo tem na vida das pessoas atualmente e a importância do papel que a Igreja exerce em meio à rotina humana, o artigo aponta pistas para uma vivência significativa do indivíduo e da comunidade.

Palavras-chave:

Tempo. Ano litúrgico. Culto. Comportamento humano. Vivência.

Abstract:

The liturgical year of the Church is rich in its celebrations and it is also for this reason that it marks and accompanies the life of communities. The liturgical calendar of the Church presents to us, again and again, the importance of the celebration of the moments experienced by the community. The human being experiences these moments. This article brings an experiential approach to the human being and to the influences of time in everyday life of society. Highlighting the significance of time on people's life and the importance of the role which the Church exercises in the midst of the routine of human life, the article presents pointers for a meaningful life experience for the individual and the community.

Keywords:

Time. Liturgical year. Worship. Human behavior. Life experience.

¹ Anelise Knüppe é bacharel em Teologia pela Faculdades EST de São Leopoldo. Contato: aneliseknuppe@yahoo.com.br

Introdução

É indiscutível que o tempo se faz presente em tudo. O tempo é um elemento que nos diz muito sobre o culto cristão, sobre o cristianismo e sobre a vida humana.

Como cristãos podemos afirmar que ainda não vivemos no tempo pleno do Reino de Deus, mas a cada dia vivenciamos sinais deste Reino nas mais diversas formas possíveis. Um dos sinais do Reino de Deus, presente em nosso meio é o culto. O ser humano sente a necessidade de se reunir em culto e o autor Von Allmen afirma que o culto tem “a capacidade de reivindicar o tempo para Cristo e de consagrá-lo ao Cristo”.²

A maneira como nós vivenciamos esse tempo de culto é que irá fazer deste, um tempo bom ou um tempo ruim. É a nossa maneira de preparação e vivência que tornará o instante intenso ou superficial. “Na realidade, não é o tempo como tal, mas aquilo que acontece dentro dele, que modula e qualifica a experiência vivida do tempo”.³

O tempo sempre despertou o interesse do ser humano e não apenas como algo abstrato, mas sim como uma realidade complexa que marca a vida e o dia a dia da humanidade. A psicanalista e crítica literária Maria Rita Kehl nos dá algumas pistas de como o mundo pós-moderno entende e vivencia o tempo e qual a concepção que as pessoas têm do tempo quando escreve: “o homem contemporâneo vive tão completamente imerso na temporalidade urgente dos relógios de máxima precisão, no tempo contado em décimos de segundo, que já não são possíveis outras formas de estar no mundo que não sejam as da velocidade e da pressa”.⁴

O significado do tempo na vida das pessoas nos dias de hoje

O calendário surgiu há vários anos, com o intuito de organizar o tempo e dividir o espaço, no qual as pessoas estavam inseridas. Como sabemos, ao longo dos anos o mesmo sofreu modificações, porém estas não modificaram a essência da sua concepção. O uso do calendário se faz, sim, necessário na vida das pessoas para que as mesmas possam organizar-se de uma maneira sistemática e, assim, possam cumprir todas as suas atividades. “O tempo é uma construção social. Toda ordem social é marcada, à sua maneira, pelo controle do tempo”.⁵ Contudo, toda essa dependência do calendário acaba afetando a vivência das pessoas e reflete o mundo que vivemos hoje; um mundo caótico, onde há guerras, desarmonia, desrespeito para com as pessoas e o meio ambiente, que acabou se tornando totalmente materialista e dominado pelo dinheiro.

O ser humano pós-moderno sente extrema necessidade de precisar horas, minutos e datas e com isso perde-se o ritmo e a harmonia, fazendo com que haja uma desvalorização vivencial do tempo. Agenda cheia, trabalho dobrado, a correria do dia a dia e a falta de tempo também são fortes indícios de uma doença conhecida como “a doença do século”: a depressão. A

² ALLMEN, Jean Jacques. *O culto cristão: teologia e prática*. 2ªed. São Paulo: Aste, 2006. p. 213.

³ BASURKO, Xavier. *Para viver o domingo*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 34.

⁴ KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. 2ª. Reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 123.

⁵ KEHL, 2009, p. 111.

depressão atinge um grande número de pessoas no mundo todo e na maioria das vezes está relacionada com o corre-corre da vida cotidiana.

A temporalidade contemporânea, frequentemente vivida como pura pressa, atropela a duração necessária que caracteriza o momento de compreender, a qual não se define pela marcação abstrata dos relógios. Daí a sustentação periclitante do saber do sujeito, que o predispõe à queda na depressão, seja qual for sua estrutura neurótica. Por sua vez, o momento de concluir implica a conquista, durante o tempo de compreender, de alguma independência em relação ao tempo apressado do Outro.⁶

A vida do ser humano moderno é tão agitada e dependente da máxima precisão, do tempo contado em cada segundo, como já mencionado anteriormente, que é quase impossível estar no mundo de uma forma que não seja cheia de pressa e atropelos. Sem dúvidas a industrialização e o consumismo exagerado têm contribuído de forma bem significativa com todo esse processo de inversão da vivência do tempo. Cada vez mais, a ideia de que “tempo é dinheiro” é imputada no pensamento humano pela sociedade capitalista.

Efetivamente, a ideia do tempo, de sua fuga e irreversibilidade está continuamente presente na consciência do homem apressado de nossos dias. A civilização contemporânea viu crescer incomensuravelmente o valor e a importância da velocidade, viu se transformar de maneira radical o ritmo da própria vida. Esse ritmo parece aos habitantes de países industrializados habitual e inevitável.⁷

Se pararmos e olharmos um pouco da caminhada do ser humano ao longo dos anos, percebemos que na antiguidade o tempo era contemplado de uma forma diferente. Não dependíamos da precisão das horas e das datas, havia menos preocupação nesse sentido. Porém isso não significa que o ser humano era indiferente ao tempo, pelo contrário, a sintonia entre tempo e ser humano dava-se através da natureza e dos ritmos temporais.⁸

Um exemplo bem presente e bem vivo, dessa inversão na questão de sentir e vivenciar o tempo e sua influência no nosso dia a dia, pode ser percebido através das estações do ano. Estas são praticamente coisas do passado. Pouquíssimas pessoas, nos dias de hoje, sabem da importância das estações. Desde a Idade Média eram elas quem marcavam os ritmos agrários e determinavam as épocas de plantio e colheita. Sabia-se exatamente o tempo certo de plantar, de podar e de colher, sem que fosse necessária uma marcação exata do calendário ou do relógio.

No atual contexto, em que nós nos encontramos, temos todos os tipos de frutas, por exemplo, durante todos os meses do ano. Nós não precisamos esperar o tempo em que as laranjeiras do nosso quintal, do quintal do vizinho ou do pomar de nossos avôs e avós estejam produzindo para podermos comer laranjas. De maneira tão fácil e rápida elas chegam até o supermercado, onde nós as compramos vindas dos mais variados lugares do país e até do mundo. Isso é reflexo de um Estado em desenvolvimento e a consequência, boa ou ruim, é que não mais precisamos esperar o tempo em que as nossas laranjeiras produzem laranjas para podermos comê-las.

⁶ KEHL, 2009, p. 119.

⁷ RICOEUR, Paul. *As culturas e o tempo*: estudos reunidos pela UNESCO. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975. p. 264.

⁸ Cf. LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval I*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. p. 217- 221.

Da mesma forma, percebemos que inúmeras pessoas passam o dia inteiro “trancadas” em seus locais de trabalho, num ambiente que nunca muda, seja dia ou seja noite. Elas não percebem as mudanças de ritmos, de temporalidade. “Muitos fatores até parecem indicar que, inicialmente, são essas atribuições de sentido culturalmente relevantes que conduzem a percepção do tempo e, assim, determinam as pontuações e sua codificação calendárica”.⁹ Tudo está sempre igual, tudo permanece sempre da mesma forma, o ambiente é o mesmo, a temperatura é a mesma. Às vezes essa falta de noção, em relação à passagem do tempo, pode trazer um sentimento de comodismo ou até mesmo indiferença frente a situações que estejam, exatamente, ligadas ao movimento temporal.

São escassas as ocasiões que nos permitem outras formas de vivenciar os ritmos do corpo e o estado da mente que não os das sensações fugazes, das percepções e das decisões instantâneas. Em tais condições, sofre-se a falta do “tempo de compreender”, a partir do qual o sujeito do desejo pode emergir como sujeito de um saber sobre si mesmo.¹⁰

O ser humano pós-moderno não é mais dono do seu próprio tempo, ele não domina mais o seu tempo e, na maioria das vezes, nem se dá conta disso porque vive envolvido na rotina diária do seu trabalho, da sua faculdade, da sua casa, do seu ambiente vivencial. Tudo isso, todas essas reações humanas estão relacionadas ao desenraizamento onde dois comportamentos são possíveis: “ou caem numa inércia de alma equivalente à morte ou se lançam em uma atividade que perpetua o desenraizamento, podendo gerar situações de intensa violência”.¹¹

Em nossa época, esse tipo de problemática é bastante séria, nossa cultura manifesta-se, na atualidade, de uma maneira que já não mais reflete a medida humana. Recriar o mundo e o campo social torna-se mais complicado, porque, pela invasão da técnica como fator hegemônico da organização social, o ser humano só mais raramente encontra a medida do seu ser, que permita o estabelecimento do sentido de si a cada um dos níveis de realidade para a constituição e o dever de seu ser.¹²

Essa linha de reflexão nos ajuda a entender a vulnerabilidade, a uma nova ideologia, que o ser humano possui. Aquilo que um dia era de grande importância e relevância para a sua existência acabou sendo “substituído” por outra. A vivência familiar foi substituída pelo trabalho sem fim; o estar junto foi substituído pelo bate papo nas redes sociais e o amor e o carinho por um presente qualquer no Natal.

É tempo, é hora de revermos alguns conceitos que norteiam a nossa sociedade atual, da qual também fizemos parte. Os séculos passaram, os tempos mudaram, mas a essência do ser humano não deveria ter tomado um rumo tão diferente daquele revelado por Deus em Jesus Cristo.

⁹ BIERITZ, Karl Heinrich. O Ano Eclesiástico. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 248.

¹⁰ KEHL, 2009, p. 123.

¹¹ SAFRA, Gilberto. A fragmentação do éthos no mundo contemporâneo. In: NOÉ, Sidney V. (Org.). *Espiritualidade e saúde: da cura d'almas ao cuidado integral*. Sinodal: São Leopoldo, 2004. p. 10.

¹² SAFRA, 2004, p. 10.

A Bíblia e o tempo

Podemos afirmar que na Bíblia não existe uma única concepção de tempo. O Antigo Testamento, por exemplo, apresenta uma espécie de evolução das concepções de tempo em Israel. Num primeiro momento “Israel, na sua consciência arcaica, percebia o tempo na acepção mais simples como fluxo que mede a vida, com a alternância de dia e noite, tempo físico-cronológico associado ao movimento dos astros e à vida agrícola”.¹³ Israel não sacralizou o tempo e sim o santificou como criação de Deus.

Num segundo momento, o tempo era enfatizado e vivido visivelmente por meio das festas agrícolas. Estas tinham sua origem nos cultos cananeus, porém adquiriram outro conteúdo enfatizando, assim, os “prodígios realizados por Deus no passado”.¹⁴ de forma que as ações salvíficas de Deus passaram a ser percebidas por meio de uma continuidade e não por meio de fatos isolados.

E ainda, num momento posterior, o tempo é percebido numa relação bem próxima com os profetas. Os profetas, como agentes de anúncio e denúncia, “anunciarão uma nova irrupção de Deus na história, convidando o povo à conversão; a partir daí o tempo que polarizará a experiência religiosa de Israel não será apenas o passado, mas também o futuro”.¹⁵

O Antigo Testamento vive o tempo em dois aspectos: um marcado pelos ciclos da natureza e o outro que marca o fluxo dos acontecimentos. Ambos são governados por Deus e orientam para o tempo salvífico.¹⁶ Os profetas são agentes importantes nessa unidade histórica. São eles quem dão voz profética ao amor de Deus e, por consequência, à sua ação salvífica.

Para o Israel bíblico, por exemplo, cada dia era algo assim como uma lembrança sintetizadora da história de Deus com seu povo. Cada noite atualizava o êxodo do povo da escravidão no Egito, e cada manhã lembrava a efetivação da aliança no monte Sinai. Essa memória era celebrada culturalmente através do sacrifício realizado ao fim do dia e de manhã no templo (Êx 29.38-43; Nm 28.1-8). Mais tarde derivaram-se daí cinco tempos sacrificais. No exílio o sacrifício (inicialmente eram três: Dn 6.11; Sl 55.18) foi substituído por tempos de oração que também foram observados nas sinagogas.¹⁷

Já o Novo Testamento “tem uma concepção perfeitamente linear do tempo: ontem, hoje, amanhã. Neste contexto torna-se possível e compreensível a realização progressiva e completa do plano salvífico divino”.¹⁸ Cristo é quem dá continuidade ao cumprimento do tempo veterotestamentário. Cristo é o princípio e o fim de toda a história (Apocalipse 1.8). Não vivemos na plenitude do Reino de Deus, porém diariamente sinais desta plenitude são evidenciados, ou seja, a história da salvação está apoiada no “já cumprido” e no “ainda não plenamente realizado”. Caminhamos para um fim dos tempos, para a plenitude dos tempos.

Entram em cena então o *kairos* e o *cronos*. Podemos dizer que o tempo marcado pela natureza segue o seu curso, enquanto o tempo, que marcado pelos fluxos dos acontecimentos, recebe uma nova orientação, mas é em Cristo que o tempo salvífico está radicado.

¹³ AUGÉ, Matias. *O ano litúrgico: história, teologia e celebração*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 6.

¹⁴ AUGÉ, 1991, p. 17.

¹⁵ AUGÉ, 1991, p. 17.

¹⁶ Cf. AUGÉ, 1991, p. 17- 18.

¹⁷ BIERITZ, 2013, p. 253.

¹⁸ AUGÉ, 1991, p. 18.

Distinguir os dias é um costume pedagógico que vem da própria tradição bíblica. O que faz um dia diferente do outro não é uma distinção funcional do tempo físico, repartido em dias (os gregos o chamam *cronos*), mas é o tempo vivido como *Kairos* de Deus, ou seja, como o tempo especial da sua graça.¹⁹

Liturgia, culto e tempo

Muitas vezes, não nos damos conta da relação entre liturgia e tempo. É importante nos darmos conta que o calendário litúrgico é ritmado conforme os ciclos da natureza, no hemisfério norte, e toda essa relação se encontram em sintonia. A Páscoa, por exemplo, era comemorada no início da primavera quando a natureza voltava a ter vida, e a comemoração do Pentecostes fazia alusão ao tempo das colheitas. A natureza, o culto e as pessoas viviam e celebravam num mesmo ritmo.

As estações do ano, a natureza e suas manifestações climáticas, marcam mais a vida das pessoas que a festa litúrgica e seu sentido teológico. Deus está mais presente na natureza e no que ela causa ou proporciona às pessoas, que no sentido bíblico, teológico ou histórico das festas da Igreja. O teológico se adapta ao natural e é expresso e vivenciado através do natural.²⁰

A nossa vida não deixa de ser uma liturgia. Sempre de novo celebramos e lembramos momentos que marcaram e foram importantes na nossa caminhada. Na liturgia não é diferente, celebramos a obra pela qual Jesus viveu.

Vale a pena repetir para ficar bem claro que se trata, então, de um ato de vida e não só de culto, e é obra de Deus e não nossa. É para vivermos esta estrada de amor que celebramos o memorial da Páscoa de Jesus Cristo, como esboço e profecia do Reino. Na celebração vivemos o ensaio dessa liturgia da vida que se dá na estrada. É esta que importa e a ela é que somos chamados. Mas cremos que, se vivemos cada celebração com sinceridade e com coração de discípulos, recebemos de Deus luz e força para a estrada. Sabemos que somos incorporados à morte e ressurreição do Senhor não por celebrar o memorial, e sim por viver a conversão e testemunhar o Reino neste mundo.²¹

O tempo humano, os ciclos pelos quais passamos durante a nossa vida ganham expressão litúrgica justamente na igreja. Os ritos e ofícios religiosos auxiliam, permitem e possibilitam que os seres humanos marquem seus momentos, suas fases seus ciclos de vida como tempos importantes para Deus.

Toda celebração centrada numa liturgia cristã remete ao mistério de Jesus Cristo. O tempo de parar e refletir sobre esse evento remete à espiritualidade do ser humano, assim sendo “para a consciência humana, o tempo enche-se de uma nova significação”.²² É Cristo quem perpassa a história salvífica. “Cristo é o eixo do tempo. O único verdadeiro conteúdo do tempo é a presença de Cristo no curso de sua extensão”.²³

¹⁹ BARROS, Marcelo; CARPANEDO, Penha. *Tempo para amar: mística para viver o ano litúrgico*. São Paulo: Paulus. p. 35.

²⁰ ADAM, Júlio César. Tempo Litúrgico no hemisfério sul. In: *Tear - Liturgia em Revista*. São Leopoldo, n. 29, setembro de 2009. p. 7.

²¹ BARROS; CARPANEDO, 1997, p. 12.

²² ARGÁRATE, Pablo. *A Igreja celebra Jesus Cristo: introdução à celebração litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 138.

²³ ARGÁRATE, 1997, p. 138.

Com o auxílio da liturgia podemos reviver e relembrar o passado. Podemos dizer também que a liturgia é uma repetição que auxilia o ser humano nessa compreensão, fazendo dele agente ativo na comunhão e mostrando assim, o quão importante é a vivência intensa de cada momento específico.

Nos dias de hoje, o domingo é tido como o dia de culto, dia que proporciona uma recapitulação da história salvífica. “Com a reunião em assembleia se queria expressar ao mesmo tempo a presença do Senhor ressuscitado, a unidade na caridade, a mútua reconciliação, a preocupação com os pobres, o encontro fraterno”.²⁴

O domingo em si, também possui uma múltipla significação para os cristãos e toda a cristandade. É incontestável sua relação com o memorial da Páscoa e também a sua relação com o Pentecostes.

Olhando para o passado e o futuro, é memorial da primeira criação e antecipação da nova, pois a Páscoa e o Pentecostes significam, no tempo, a restauração da criação primeira à alegria de sua integridade e primícias da nova criação, tanto na sua ambiguidade, como algo que ainda está por vir, quanto na sua realidade, como algo já presente.²⁵

A Igreja é um povo e este povo sente necessidade de reunir-se como comunidade e manifestar-se por meio desta. “Não é possível Igreja sem culto, pois Jesus prometeu estar presente onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome (Mt 18.20). É a partir dessa reunião que Cristo envia a Igreja ao mundo e é nela que ele acolhe a Igreja quando ela se rejubila...”²⁶

A cada domingo celebramos o memorial semanal da Páscoa e da vinda do Espírito Santo. Esse dia é importante e necessário à Igreja, é o principal motivo que a fez existir. A Igreja é instrumento de testemunho do Evangelho e da presença já real do mundo vindouro.

O tempo que dedicamos ao culto, ao encontro com Deus contribui de forma expressiva para uma santificação do tempo. Porém é importante esclarecer que não apenas o momento da celebração do culto é reivindicado por Cristo e sim todos os outros momentos e dias em que nos mostramos capazes de vivenciar o amor de Deus por nós. Portanto, “santificar o tempo é reconhecer que o ponto de partida tanto quanto o ponto culminante do tempo é o mistério da morte e ressurreição de Cristo, e é referi-lo a esse momento central e determinante, esteja ele próximo ou distante desse evento, do ponto de vista escatológico”.²⁷

O culto reúne pessoas que tem algo em comum naquele momento para celebrar. Nas religiões antigas já era assim, as pessoas se reuniam para celebrarem a sua fé e o espírito comunitário engrandece o sentido do culto ou da celebração. O que percebemos, no mundo atual, é que o ser humano parece não sentir mais esta necessidade de se relacionar e viver comunitariamente. Cada vez mais esses momentos são deixados de lado ou completamente substituídos

²⁴ BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 60.

²⁵ ALLMEN, 2006, p. 220.

²⁶ ALLMEN, 2006, p. 221.

²⁷ ALLMEN, 2006, p. 235.

Tempo litúrgico e aspectos pastorais

A passagem do tempo, até então, era regulada pelos ciclos da natureza (determinantes para o trabalho no campo) e pelos horários dos ritos religiosos. Havia certa solidariedade entre o tempo do trabalho, comandado pelo percurso do sol, e o restante do tempo social, comandado pela Igreja, cujos sinos indicavam o momento das orações matinais e vespertinas, das missas, das cerimônias fúnebres. A marcação religiosa do tempo tinha a função de indicar o caráter sagrado da natureza, uma vez que a noite, o dia, as chuvas e as estações faziam parte da obra de Deus.²⁸

Por vezes, sentimos que a Igreja perdeu a sua importância perante a sociedade e o ser humano. O viver Igreja que para muitos, principalmente as gerações mais antigas, era uma das coisas mais importantes ao longo da vida, hoje, para as gerações atuais, parece não mais fazer tanto sentido assim. A pouca participação das pessoas nos cultos ou missas é um grande indício de como o viver comunidade não tem mais tanta importância assim.

A maneira como usamos o nosso tempo é uma boa indicação do que consideramos de importância primordial na vida. Sempre poderemos ter certeza de encontrar tempo para aquelas coisas que consideramos mais importantes, embora nem sempre admitamos perante os outros ou até perante nós mesmos quais são nossas prioridades reais. Seja para ganhar dinheiro, para a ação política ou para atividades em família, encontramos tempo para colocar em primeiro lugar aquelas coisas que mais nos importam.²⁹

Em tempos não muito distantes, o final de semana, além de ser tempo de descanso da intensa semana de trabalho, era também momento que as pessoas dedicavam à vida comunitária, à vivência do culto na comunidade, ao convívio com amigos ou familiares. Atualmente percebe-se que, envolvidas pelo mundo secular, o que a grande maioria das pessoas não deseja é envolver-se em atividades de âmbito comunitário ou social.

Os momentos em família, as conversas entre pais e filhos já não são mais tão atraentes e significativas quanto os jogos de vídeo game ou computador. Poucas são as famílias que se reúnem para montar a árvore de Natal e lembrar a história do nascimento de Cristo com as suas crianças. Raros são os pais e mães de educam seus filhos e filhas cristãmente, incentivando seus primeiros passos na fé em Jesus Cristo.

Em nosso tempo, convivemos com um grande desenvolvimento tecnológico, que, se de um lado proporcionou ao ser humano uma vida mais confortável, de outro levou a uma organização de mundo em que as próprias relações inter-humanas são medidas tecnologicamente.³⁰

Até mesmo a prática do partir o pão, que foi tão importante para as primeiras comunidades cristãs, pra nós se tornou uma simples rotina, isso quando o fizemos, e não demonstra o seu real sentido. “Em meio a um mundo que não reparte nada, e dialogando com religiões populares, nas quais a comida é sempre parte do culto, somos chamados a acentuar o caráter pascal de cada celebração recuperando o sentido do ágape fraterno, ligado ou não à eucaristia”.³¹

²⁸ KEHL, 2009, p. 124.

²⁹ WHITE, James. *Introdução ao culto cristão*. 2ªed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2005. p. 38.

³⁰ SAFRA, 2004, p. 13.

³¹ BARROS; CARPANEDO. 1997, p. 113.

A festa do Natal, como já mencionado anteriormente, é um exemplo bem significativo. O Natal perdeu praticamente todo seu sentido cristão de alegria pelo nascimento de Jesus Cristo, o Salvador, de festa em família. A única alegria que invade o coração, a mente e os olhos de crianças, jovens e adultos é o movimento comercial do dinheiro, dos presentes, dos brinquedos. No contexto brasileiro, a maioria das vezes o Natal é lembrado por vários outros motivos, menos pelo sentido cristão. “O Natal tem grande impacto, porque ele marca o final de um ciclo, o ano escolar e laboral, e o início de um novo ciclo, tendo as férias, a praia, o sol, como intermediário entre um ciclo e outro”.³²

As pessoas não param para viver o tempo de advento como tempo de preparação e espera pela vinda do menino Jesus. Quem, nos dias de hoje, se dá conta e silencia para ouvir o canto da cigarra, que na maioria das vezes só pode ser ouvido durante o tempo de advento? Dificilmente netos e netas irão passar à tarde com suas avós para confeccionarem doces típicos do Natal, pois tanto crianças quanto avós, estão com suas agendas cheias e não possuem tempo para isso. No âmbito comunitário, poucas são as comunidades que mantêm vivas as celebrações semanais de advento, um belo momento de encontro e reflexão.

Na Páscoa, pouquíssimos lembram ou realmente sabem do seu verdadeiro sentido e o que deveríamos comemorar. Os ovos de chocolate ofuscam a luz da vitória de Cristo sobre a morte. Ninguém se preocupa em dizer às crianças qual o real e verdadeiro significado. A quaresma, período que antecede a Páscoa, também passa despercebida em meio a nossa sociedade.

O resgate da celebração comunitária do Tríduo Pascal é um momento muito significativo, onde as pessoas se sentem envoltas pelo sofrimento, morte e ressurreição de Cristo, mas que infelizmente tem sido esquecido. Raramente as pessoas realmente vivem este período em seu real sentido, um tempo de preparação e reflexão perante o sofrimento de Cristo.

A importância da Igreja no tempo vivido pelas pessoas

Qual é o papel que a Igreja exerce em meio ao caos do mundo de hoje? Qual a importância da Igreja na vida das pessoas, em dias como os nossos, onde não se tem tempo de vivenciar comunidade cristã, de se encontrar com outras pessoas e celebrar a boa nova do Evangelho? De que maneira a Igreja pode auxiliar uma sociedade tão dependente do “ter” e não do “ser”?

Não acharemos respostas prontas para estas perguntas, mas podemos apontar caminhos que nos ajudem a respondê-las. Penso que, em meio à secularização do mundo, a Igreja tem um papel fundamental em relação às pessoas que nele vivem. Se parece que a Igreja não é mais tão importante na vida das pessoas, se aquilo que ela anuncia não mais é do interesse da sociedade é hora de pensar Igreja de uma forma diferente, onde as pessoas também se sintam importantes e não meros pagadores de contribuição.

É preciso que haja um resgate da vivência em comunidade, do ser Igreja de Jesus Cristo e do amor ao próximo. Esse resgate faria grande sentido quando relacionado à vivência do tempo litúrgico. “A liturgia possui um formidável poder para transformação da personalidade humana em personalidade cristã.”³³ É na Igreja que as pessoas devem encontrar caminhos seguros que

³² ADAM, 2009, p. 7.

³³ AUGÉ, 1991, p. 386.

apontem para o Evangelho, de forma que isto também faça sentido em suas vidas, seus espaços, seus relacionamentos. É organizando suas agendas e priorizando o viver comunitário que a humanidade irá ser, testemunhar e participar Igreja.

Conclusão

Difícilmente durante toda a história da humanidade o tempo foi percebido e vivido da forma que nós o percebemos e vivemos hoje. A percepção atual de tempo faz pouca relação com a de outras épocas. O tempo tem se tornado a medida do trabalho, onde o valor e a importância da velocidade, da agilidade e da rapidez cresceram de forma imensurável nas últimas décadas, o que tem afetado a vida humana e de toda a criação de Deus.

Nota-se que muito pouco se tem falado a esse respeito tanto no meio acadêmico quanto no meio comunitário e pastoral. É necessário e interessante pensarmos maneiras pelas quais as pessoas consigam resgatar a importância da percepção do tempo litúrgico em suas vidas em seu cotidiano. Essa iniciativa, partindo do contexto da comunidade cristã, seria também uma oportunidade para conhecer e compreender a tradição das festas litúrgicas e seus significados, sendo ainda uma maneira de inserir elementos culturais e simbólicos às liturgias, bem como instrumento na edificação da comunidade.

Sabemos que a humanidade caminha marcada pelo compasso das horas e cada vez mais depressa, na direção de um mundo cada vez mais individualista e dominado pela correria e pressa cotidiana. Desta forma valores, ritos religiosos, ciclos importantes da vida são esquecidos, despercebidos ou atropelados e a caminhada de fé do ser humano parece não ser algo significativo. A Igreja, por meio de suas celebrações e atividades, tem a chance de resgatar a percepção do tempo e as vivências litúrgicas essenciais para a vida do ser humano. Centrado em Cristo, o ano litúrgico e a própria liturgia, ajudam cada pessoa, cada geração, em sua cultura, a desenvolver a personalidade cristã do indivíduo, fazendo viver o mistério da história da salvação realizado em Cristo.

Referências

ADAM, Júlio César. Tempo Litúrgico no hemisfério sul. *Tear - Liturgia em Revista*. São Leopoldo, n. 29, setembro de 2009. p. 3-7.

ARGÁRATE, Pablo. *A Igreja celebra Jesus Cristo: introdução á celebração litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 1997.

AUGÉ, Matias. *O ano litúrgico: história, teologia e celebração*. São Paulo: Paulinas, 1991. 398 p.

ALLMEN, Jean Jacquesvon. *O culto cristão: teologia e prática*. 2ªed. São Paulo: Aste, 2006.

BARROS, Marcelo; CARPANEDO, Penha. *Tempo para amar: mística para viver o ano litúrgico*. São Paulo: Paulus, 1997.

BASURKO, Xavier. *Para viver o domingo*. São Paulo: Paulinas, 1999.

BIERITZ, Karl Heinrich. O Ano Eclesiástico. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 241- 295

BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2003. 476 p.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. 2ª reimpressão São Paulo: Boitempo, 2009. 298 p.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval I*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

RICOEUR, Paul. *As culturas e o tempo: estudos reunidos pela UNESCO*. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975. 283 p.

SAFRA, Gilberto. A fragmentação do éthos no mundo contemporâneo. In: NOÉ, Sidney V. (Org.). *Espiritualidade e saúde: da cura d'almas ao cuidado integral*. Sinodal: São Leopoldo, 2004. p. 7-14.

WHITE, James. *Introdução ao culto cristão*. 2ªed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2005.